



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

AS TINHAS NA TRADIÇÃO POPULAR E NA LITERATURA PORTUGUESA

POR

A. LIMA CARNEIRO

Reunimos aqui os elementos já publicados na tese de doutoramento ⁽¹⁾ e num trabalho sôbre dermatomicoses ⁽²⁾, bem como algumas notas colhidas depois de publicados aqueles trabalhos.

Embora a tinha seja uma doença das mais conhecidas, e sentindo o povo pelos tinhosos uma grande repugnância, não é muito rica a literatura popular quanto às causas, aspecto do mal e remédios usados para o debelar.

No *Dicionário* de Moraes define-se: "*Espécie de lepra que dá na cabeça e faz cair o cabelo*", e no "Novo Dicionário" de Cândido de Figueiredo: "*Moléstia cutânea que dá na cabeça*".

E, realmente, como já notou o Sr. Dr. Cláudio Basto ⁽³⁾, na *Bíblia* e outras obras, assim como na linguagem vulgar, o termo *lepra* abrange variadas afecções ou doenças da pele.

"Como sempre sucede, o agrupamento de vários estados mórbidos sob um determinado nome advém

⁽¹⁾ A. Lima Carneiro — «Contribuição para o estudo das dermatomicoses no Norte de Portugal» — Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Porto — 1922.

⁽²⁾ *Idem* — «Novos estudos sôbre dermatomicoses» — Separata do n.º 364 de «A Medicina Moderna» — 1923.

⁽³⁾ *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 217.

de sintomas ou de sinais comuns que aproximam, e aparentemente confundem aqueles estados" ⁽¹⁾.

Refere-se à *lepra* a *Bíblia* nos *Números*, cap. V, *Deuteronomio*, cap. XXVI, e no *Levítico*, cap. XII e XIV. No *Levítico* expõem-se os sintomas que levariam o doente ao exame do Sacerdote:

2 — «o homem, em cuja cútis e carne nascer côr diversa, ou pústula, ou alguma coisa como luzente, isto é, chaga de lepra...

3 — «O qual (Sacerdote) tanto que vir a lepra na cútis, e que o pêlo mudou de côr, e se fêz branco, e que o lugar, onde se vê a lepra está mais fundo do que a cútis, e o resto da carne: chaga é de lepra...

10 — «E, quando na cútis apareça uma côr branca, e mude o aspecto dos cabelos, e apareça também a carne viva:

11 — «Julgar-se há esta uma lepra muito inveterada...» ⁽²⁾.

No capítulo XIV desenvolvem-se as cerimónias da purificação, empregando até Figueiredo estes termos:

54 — «Esta é a lei à cerca de tôdas as espécies de lepra, e de *tinha*».

Não nos parece ter-se afastado da verdade a tradução portuguesa, embora numa edição latina encontremos: *Ista est lex omnis lepræ et percussuræ*, e o termo latino para designar a *tinha* seja — *porrigo, ginis* ⁽³⁾.

Consultando-se os dicionários franceses, espanhóis e italianos, verificamos que os termos — *teigne, tigna, tigna* — se empregam ora genericamente, abrangendo tôdas as afecções do couro cabeludo, incluindo a pedada, ora como uma espécie de sarna: «*gale sèche qui vient à la tête*».

E' curioso que num trabalho sobre o dialecto «*guinéense*» aparece o vocábulo *tinha* assim definido: «*b'choca, sarna*» ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ Dr. Cláudio Basto — «Revista Lusitana», vol. e pág. cit.

⁽²⁾ Capítulo XIII. Tradução de António Pereira de Figueiredo. Lisboa, 1866.

⁽³⁾ Bento Pereira, «Prosódia», citando Horácio, define — *Porrigio: A caspa da cabeça ou tinha*.

⁽⁴⁾ Revista Lusitana, vol. VII, pág. 278.

Tinha ou *traça* designa também uma borboleta nocturna que ataca as colmeias e devora a cera dos favos. «Encontram-se em Portugal duas espécies de *tinha*, a *Galleria cerella* Fabr. e a *Galleria alvearia* Oup.» ⁽¹⁾. Parece ser essa a *tinha quente* (Chaves), sendo a *tinha fria* a larva de um coleóptero cantaridiano (Meloe), que se abriga no cálice das flores, e que, quando as abelhas aí vão sugar a néctar, se lhes prende aos anéis do abdome ⁽²⁾.

Em Vila-Real dão o nome de *tinhasa* a um tortu-lho ou cogumelo venenoso ⁽³⁾.

Do mesmo modo, em França, o termo *teigne*, além da dermatomicose, significava a traça «Polilla: que se cria en la ropa» e uma «Especie de sarna que se pega á la corteza de los árboles» ⁽⁴⁾.

Segundo a crença vulgar, causam a *tinha*: 1.º — as pinhas e a resina dos pinheiros mansos (Santo Tirso, Vila da Feira ⁽⁵⁾, Macedo de Cavaleiros, Vilar de Andorinho); 2.º — a cúpula dos eucaliptos (Arouca); 3.º — os pingos dos chouriços que estão no fumeiro (Viana do Castelo), e das alheiras de mistura com as cinzas (S. João da Pesqueira), a gordura de porco chegada à cabeça (Vilar de Andorinho, Algarve e Estremadura); 4.º — pôr a mão nos ninhos das aves e depois na cabeça (Viana do Castelo e Mossamedes — Africa Ocidental); 5.º — o sal: Quem pegar em bacalhau salgado, levando depois as mãos à cabeça, sem as lavar, adquire *tinha* (Covilhã).

Uma mulher de Afife contou que dois parentes haviam adquirido a *tinha*, metendo ninhos nos bonés e pondo estes na cabeça.

E' possível que o povo imaginasse ser a resina causadora da *tinha* pela semelhança que aquela, às vezes, apresenta com as crostas dos tinhosos.

⁽¹⁾ Eduardo Sequeira — «As abelhas» — 3.ª ed., Porto, 1916. A *Revista Lusitana* (vol. XVI, pág. 275) refere-se à *tinha* das colmeias citando Eduardo Sequeira, *Gazeta das Aldeias*, n.º 607.

⁽²⁾ *Revista Lusitana*, vol. XVIII, pág. 156.

⁽³⁾ *Idem*, vol. XII, pág. 127.

⁽⁴⁾ *Dicionário Francês-Espanhol*, por M. Nuñez da Taboada, 3.ª edição (1826).

⁽⁵⁾ Contaram-nos que nesta terra os rapazes que se entregam ao transporte de pinhas têm *tinha*.

Sendo vulgar a crença de que as doenças se podem transmitir a uma pessoa ou outro ser animado, que as contrai, desembaraçando delas o primeiro paciente, é natural que se julgue passar a tinha para as aves com alguns cabelos empregados na construção dos ninhos — cabelos que, por seu turno, voltariam a infectar quem lhes tocasse.

Esta explicação pode justificar-se também com o ditado: — *Pela linha vem a tinha* — pois de linhas fazem muitas aves os ninhos.

Mas é mais provável, como diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, que, pelo ditado, se queira afirmar a hereditariedade da doença.

O povo emprega no tratamento da tinha uma pomada ou *ungüento* de azeite, cinza de *atabua* (tabua) e enxôfre.

Durante um ano devem comer-se alimentos, apenas temperados com azeite. Nada de gordura de porco.

Os rapazes de Afife a que nos referimos foram curados por uma mulher (benzedeira?), que lhes arrancava alguns cabelos de cada vez.

Em Viana do Castelo usam também untar a cabeça com greda amassada.

São vulgares ainda hoje os ditados: *Pela linha vem a tinha, e vem a gafeira às cabras; se a inveja fôsse tinha, muita gente era tinhosa* (Avis, Ervedal, Santo Tirso, etc.); *a tinha é pior que a morrinha* (Santo Tirso).

A palavra *morrinha*, no ditado, significa também uma doença, um andaço que abata as forças, a sarna, ou ronha e a gafeira. É interessante que, em galego, o vocábulo se emprega igualmente na acepção de *saiidade*, confundindo o efeito com a causa: a saúde tira-nos as forças ⁽¹⁾.

Nos *Adágios, Rifãos e Anexins da Língua Portuguesa* ⁽²⁾, encontram-se os seguintes ditados:

— *Se a inveja fôsse tinha, que pez lhe bastaria?* ⁽³⁾

⁽¹⁾ Dr. Cláudio Basto — «Morrinha-morriña» — (Separata da Revista Lusitana, vol. XXI, pág. 5).

⁽²⁾ Por F. R. I. L. E. L. Lisboa, 1841.

⁽³⁾ Há aqui referência a um remédio em que falaremos adiante.

— *Se a inveja fôsse tinha, muita gente era tinhosa.*

— *Dessa mêzinha ponde vós nessa tinha* ⁽¹⁾.

— *Um tinhoso queria que todos o fôssem* ⁽¹⁾.

— *Nunca lavei a cabeça, que me não saísse tinhosa* ⁽¹⁾.

Nos *Adágios Portugueses* de António Delicado encontram-se mais os seguintes:

— *Por linha vem a tinha.*

— *Coxo e não de espinha, calvo e não de tinha.*

Brincando-se com as crianças ao colo costuma dizer-se:

A maldita da Matosa

tem uma filha, saiu-lhe tinhosa.

O maldito do Matoso

tem um filho, saiu-lhe tinhoso.

Em Vilar de Andorinho, costumam propor a seguinte adivinha:

Uma, que não tinha tinha,
tinha;

outra, que tinha tinha,
não tinha.

Trata-se aqui da *tinha* ou *traça* das colmeias. O cortiço sem doença tem mel, e vice-versa.

Do facto de a tinha ser uma doença contagiosa, e de o seu aspecto causar asco, nasceu o termo offensivo — *tinhoso* — que Gil Vicente empregou:

.....

Que te chame de ratinha,

Tinhosa cada meia hora,

Inda que a alma me chora,

Folgarei por vida minha,

Pois engeitas quem t'adora. ⁽²⁾

.....

⁽¹⁾ Citados também por António Delicado nos «Adágios Portugueses», nova ed. por Luís Chaves.

⁽²⁾ «Tragicomédia Pastoral da Serra da Estrêla» — «Obras», edição do Dr. Mendes dos Remédios, vol. I, pág. 256.

Noutro passo ⁽¹⁾ encontra-se:

.....
Filho da grande aleivosa;
Tua mulher he *tinhasa*,
E ha de parir um sapo,
Chentado no guardanapo,
Neto da cagarinhosa.
|.....

O povo chama *cão-tinhoso* ao diabo.
Este termo encontra-se também em algumas obras literárias:

.....
«— Aquelle bugre endemoinhado não se lembrou de trazer hontem uma onça viva para casa.

— Quem, o perro do cacique?

— E quem mais senão aquelle *cão tinhoso!*» ⁽²⁾

«— Vai-te, *cão tinhoso*, para a tua fuma; vai-te onde não faças mal, dragão, perro!» ⁽³⁾

«O Diabo!... Está em tôda a parte... Tem mil nomes... Ele é... o Porco-Sujo imundo; o *Cão Tinhoso* repelente...» ⁽⁴⁾

O termo — *ovelha tinhasa* — foi por nós encontrado em Camilo, quer para designar uma ovelha desprezível, quer no sentido satírico:

«.....onde se expunha á voracidade do lobo uma *ovelha tinhasa*.» ⁽⁵⁾

«.....nem o proprio Anti-Christo — a ser verdade que ha de engendrar-se em freira — quereria encarnar naquella *tinhasa ovelha* do rebanho de Frei Silvestre.» ⁽⁶⁾

⁽¹⁾ *Gil Vicente* — «Auto da Barca do Inferno». Autos e Excertos compilados por Afonso Lopes Vieira, pág. 105.

⁽²⁾ *José de Alencar* — «O Guarany» — Edição de «O Século» — pág. 40.

⁽³⁾ *Camilo Castelo Branco* — «A Engeitada», 4.^a edição, Lisboa, 1902.

⁽⁴⁾ *Antero de Figueiredo* — «Senhora do Amparo», pág. 45.

⁽⁵⁾ *Camilo Castelo Branco* — «Novellas do Minho»: O degredado.

⁽⁶⁾ *Idem* — «A Bruxa de Monte-Cordova», 3.^a ed., pág. 157.

Amador Arrais, nos *Diálogos* (pág. 122, ed. de 1846), falando da amizade com viciosos, escreveu:

«Sépre das más conversações nos pega algũa *tinha*, e das boas se cõmunica algum bom cheiro.»

E o poeta satírico, D. Tomás de Noronha, usando dos trocadilhos de que tanto se abusou no século XVII, compôs um soneto intitulado: «Casando-se um tinhaso com uma mulher de má fama», cujo terceto final é como se segue:

E mais que respondeu muito asinha:

— Quanto a minha afilhada não o tem,

Quanto a meu afilhado, elle tinha. ⁽¹⁾

O assunto foi mais que uma vez explorado pelo gracejador:

A moça tinha de seu,
Elle tambem de seu tinha,
Tinha casa, tinha vinha,
Tinha um negro de Cacheu.

Tinha D. João de Abreu,
E quanta fazenda tinha,
Tinha para uma sobrinha,
Que tinha d'um irmão seu. ⁽²⁾

O povo da Galiza, que tam íntimas afinidades étnicas tem com o nosso, dedica às tinhas algumas graciosas cantigas, como as três seguintes que constam da collecção de Ballesteros ⁽³⁾:

O ferreiro tem a sarna,
a mulher o xarampon,
os filhos teñem a tiña:
¡mirade que perdicion!

⁽¹⁾ «Poesias ineditas», editadas pelo Dr. Mendes dos Remedios, pág. 6.

⁽²⁾ Obra cit., pág. 39.

⁽³⁾ «Cancionero popular gallego y en particular de la Provincia de la Coruña», por J. P. Ballesteros. 3 vol. Madrid, 1885-1886.

Por ahí adiante vai
unha parranda de mozos :
tres tullidos, e tres mancos,
tres tiñosos, tres sarnosos.

Ela tiña e-y-el tiña,
ambos tiñam ben de seu ;
ela, tiña, n-a cabeça,
él debaixo d'o chapéu.

Na descrição duma peregrinação a Lourdes, de Vila-Moura ⁽¹⁾, encontra-se referência a tinhosos:

".....tinhosos de escamas amarelidas, como cera suja....."

*

Zacuto ⁽²⁾ apresenta as ideias de Galeno e de Razés sobre a tinha, fazendo àcerca delas os seus comentários. Refere-se a um caso de tinha rebelde que foi curada com o uso do sublimado.

António Ferreira ⁽³⁾ ocupa-se da tinha, dizendo que este nome vem da «semelhança que tem com a traça, porque assim como esta vay furando o pano, em que dá, em miudos buracos, do mesmo modo o faz no couro da cabeça». Sobre o prognóstico diz entre outras coisas: «A cura deste affecto sempre he trabalhosa».

Para o tratamento aconselha um unguento composto de azeite, alhos, etc., com que se untava a cabeça «cobrindo por cima com hûas folhas de parras, ou de couves; ao dia seguinte lavem a cabeça com ourina de menino quente, & enxuta a tornarão a untar com o unguento, tendo particular cuydado de ir com hûa tenaz arrancando todos os cabellos em roda com seus canos, e raizes, até que não haja nenhum, e venha penugem.»

⁽¹⁾ Vila-Moura — «Lourdes» — «A Aguiã», n.ºs 15-16, Setembro-Outubro de 1923, pág. 106.

⁽²⁾ *Zacuti Lysitani operum tomus primus*, Lvgydni 1657.

⁽³⁾ Antonio Ferreyra — «Luz Verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia dedicado á Augusta, e real Magestade del-rey Dom Pedro II nosso Senhor» — Lisboa, 1705.

Também aconselha, entre outros remédios, o enxôfre, «estercó de ratos, cinza de abelhas queymadas», etc.

João de Vigo ⁽¹⁾ occupa-se das diversas espécies de tinha, segundo a concepção do seu tempo, e refere-se às suas causas e tratamento. Aconselha a arrancar os cabelos aplicando um barrete de pez, ou com tenazes pequenas. Descreve a técnica para extrair os pêlos por meio da aplicação do pez. Sobre prognóstico diz: «Sempre porem haveis trazer na memoria hûa cousa, & he, que quando chegares a semelhante cura haveis de prognosticar aos que estiverem presentes, & amigos, em como a presente enfermidade he tediosa, & difficil, porque esta enfermidade se diz, & chama tinha quasi tediosa, & de dilatada morada, & por isso se cura com difficuldade, & assim com o favor de Deos, cujo nome seja bemdito, fica completo o presente capitolo».

Noutro ponto traz a fórmula do «Licor admiravel para a tinha», em que entra pez líquido. Confronte-se este passo de João de Vigo com as ideias populares atrás citadas, àcerca da resina como causa de tinha e da aplicação da greda amassada.

Curvo Semedo ⁽²⁾ aconselha o uso do óleo de enxôfre no tratamento da tinha. Como vimos, ainda hoje o povo emprega pomada de enxôfre no tratamento daquela doença.

Francisco Morato Roma ⁽³⁾ diz que a tinha é um achaque «em que cahem os cabellos da cabeça, & da barba, roídos, & cortados». Segundo este autor, os cabelos são roídos por certos bichinhos semelhantes aos que se criam na cera e nos queijos.

Como vimos atrás, numa adivinha popular compara-se também a tinha à traça das colmeias. Vê-se, pois, que muitas ideias populares derivam certamente de antigas noções arquivadas na literatura médica.

⁽¹⁾ Joam de Vigo — «Syntagma chirurgico», trad. por Joseph Ferreyra Moura. Lisboa, 1713.

⁽²⁾ João Curvo Semmedo — «Polyanthea Medicinal», 3.ª ed. Lisboa, 1716.

⁽³⁾ Francisco Morato Roma — «Luz da Medicina». Coimbra, 1726.

João Vigier ⁽¹⁾ ocupa-se do tratamento da tinha, aconselhando os derivados mercuriais, arsenicais, o pez e a resina, etc.

Fr. João de Jesus Maria ⁽²⁾, na sua Farmacopeia, insere a fórmula de um unguento contra a tinha, no qual entram sal amoníaco, flor de enxôfre, cinábrio, etc. Segundo diz, a sua virtude é a seguinte: «Serve este unguento, não só na cura das sarnas, e excoriações cutaneas; mas também se especialisa muito na cura da tinha, disposto primeiro o doente com as prevenções medicas necessarias: e quando haja possibilidade de se arrancar o cabello, se fará a cura com mayor brevidade: delle se usa lavando a cabeça» com um complicado cozimento em vinho branco. E continua: «feita a lavação com parte deste cozimento, se uncta a cabeça com o unguento, e deste modo se continua, até o estado de conhecido alivio, finalizando a cura» com outro unguento em que entrava a cânfora, verdete, etc.

Noutro passo ⁽³⁾ da sua obra apresenta também, como específico contra a tinha, o suco de raiz de alho porro: «o succo de raiz com igual parte de mera, serve no externo de curar a tinha, e impigens».

Bernardino António Gomes ⁽⁴⁾ descreve várias tinhas e inicia o seu verdadeiro tratamento scientifico.

Caldas-da-Saúde, 28-IV-1924.

⁽¹⁾ *João Vigier* — «Thesouro Appolineo». Coimbra, 1745.

⁽²⁾ «Pharmacopea dogmatica medico-chimica... Autor o P. Fr. João de Jesus Maria... Administrador da Botica do Reformado e antiquissimo Mosteiro de Santo Thyrsó — Porto, M.DCC.LXXII», vol. I, pág. 395.

⁽³⁾ *Idem* — vol. II, tratado V, pág. 38.

⁽⁴⁾ *Bernardino António Gomes* — «Ensaio dermosográfico». Lisboa, 1820.